



## UM OLHAR DE UM SURDO SOBRE UMA NARRATIVA TRÁGICA

### A DEAF PERSON'S VIEW ON A TRAGIC NARRATIVE

**Eduardo Balbuena da Cunha**

Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

E-mail: eduardobalbuena@hotmail.com

**Miriã Gil de Lima Costa**

Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

E-mail: miria.costa@unir.br

**Valdir Vegini**

Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

E-mail: vveгинi@gmail.com

#### RESUMO

O artigo tem por objetivo apresentar uma narrativa de experiência pessoal sob o olhar de um surdo, analisá-la segundo a perspectiva de William Labov e ressaltar a importância da inserção e absorção da língua de sinais pela sociedade. O objeto ou *corpus* de investigação, a narrativa espaço-visual, foi alcançado por meio da técnica da entrevista livre e informal gravada em vídeo. O estudo segue o método da pesquisa bibliográfica e da pesquisa qualitativo-exploratória voltadas para a área das Narrativas Oraís de Experiência Pessoal, neste estudo, adaptadas para a linguagem em Libras. Os autores teóricos William Labov, Waldemar Ferreira Netto e Mércia Regina de Santana Flannery embasam a análise linguística da narrativa. Entre os principais resultados alcançados estão: um narrador surdo estrutura o seu relato passível de análise segundo o modelo laboviano, inclusive, expressando seu ponto de vista e atribuindo elogio ou culpa aos personagens envolvidos; o que muda é o meio de transmissão, ele utiliza a língua de sinais. O narrador denuncia também a falta de preparo, principalmente de comunicação, de um hospital público ao atender um surdo. Esse aspecto traz à reflexão a importância da inserção da língua de sinais na cultura majoritária oral do Brasil.

**Palavras-chave:** Narrativas. Cultura Surda. Língua de Sinais.

#### ABSTRACT

In this article we aim at presenting a deaf person's narrative of personal experience, analyze it according to William Labov's perspective and emphasize the importance of the insertion and absorption of sign language by the society. The object or corpus of investigation, a visual space narrative, we collected through the technique of free and informal interview recorded on video. The methods we used were the bibliographic research and the qualitative-exploratory research in the area



of Oral Narratives of Personal Experience, which was adapted for Libras in this study. We based the linguistic analysis of the narrative on the theorists William Labov, Waldemar Ferreira Netto and Mércia Regina de Santana Flannery. Among the main results we have: a deaf narrator structures his narrative in a way that it can also be analyzed according to the labovian model, moreover, expressing his point of view and attributing praise or guilt to the involved characters; the difference is the means of transmission that is through the sign language. The narrator also reports the lack of preparation, especially of communication, of a public hospital when meeting a deaf person. We argue that the insertion of sign language in the oral majority culture of Brazil is really relevant.

**Keywords:** Narratives. Deaf Culture. Sign Language.

## INTRODUÇÃO

“Professor, seria possível analisar uma narrativa de um surdo segundo o modelo de análise laboviano das Narrativas Oraís de Experiência Pessoal (NOEP)?”

Da pergunta acima, feita no ano de 2015, durante uma aula de linguística textual com foco nas NOEP ministrada pelo Prof. Dr. Valdir Vegini no Mestrado Acadêmico em Letras da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), surgiu um problema e um grande desafio: analisar uma narrativa de modalidade espaço-visual conforme a construção teórica de Labov, que estuda as narrativas a partir da oralidade. A resposta do professor: “se vocês conseguirem coletar o objeto de pesquisa, a narrativa de um surdo, transcrevê-la com suas sentenças restritivas, presas, livres e coda, bem como observar e descrever alguns aspectos de seu eixo funcional, o evento relatável, o mais relatável, o ponto de vista do narrador, dentre outros, creio ser um trabalho relevante, quiçá inédito, com certeza, inclusivo”.

Nesse contexto, os três autores deste artigo, o professor da disciplina do Mestrado em Letras da UNIR e seus dois discípulos, propõem-se a resgatar uma narrativa de um surdo, um olhar sobre um evento trágico, e analisá-la segundo o modelo laboviano, bem como ressaltar a importância da inserção e prática da língua de sinais pela sociedade. A metodologia adotada, pesquisa de campo e bibliográfica, buscou, em um primeiro momento, gravar em vídeo uma narrativa de experiência pessoal de um surdo e transcrevê-la para o português próximo do padrão, posteriormente, examiná-la apontando suas características formais e funcionais



conforme a construção teórica de Labov e Waletzky (1967), Labov (1997), também retomado por Ferreira Netto (2008) e Flannery (2015).

## **A SOCIEDADE E A NARRATIVA**

Todo homem, que vive em sociedade, relaciona-se com seus semelhantes através da linguagem, ele utiliza o seu meio de comunicação para fazer-se entender, pedir, explicar, informar, enfim, para muitas outras necessidades e desejos, inclusive para se afirmar como forma de pertencimento a determinado grupo ou cultura. Também, ele tem uma história particular, os bons e maus momentos que fazem parte de seu viver, tudo fica registrado em sua memória, alguns causos merecem maior destaque e relatabilidade; outros, porém, no esquecimento, podem até cair. Entretanto, essas experiências de vida, normalmente, são transmitidas e contadas por meio de narrativas, aquelas que se ouvem ou se veem dos avós, dos pais, do cônjuge, do namorado, dos colegas de trabalho, dos professores e dos amigos; em síntese, de todo aquele que narra, que conta alguma coisa, fatos como ele viveu e os observou. Aliás, a arte de narrar, contar histórias, reviver experiências e lembrar o passado são habilidades que, mesmo inconscientemente, fazem parte da vida do homem. Quem nunca viu ou escutou um conto dos avós ou dos pais, algo que eles viveram pessoalmente e querem deixar para posteridade? Ainda, quando se vive uma experiência incrível, ou mesmo trágica, como expressar a outros essa realidade? Respondendo a primeira pergunta, acredita-se que todos, um dia, já viram ou escutaram histórias, narrativas dos pais ou dos avós, se não, um dia as verão, um dia as escutarão; a segunda resposta é que através de narrativas, quer sejam orais, quer sejam espaço-visuais, podem-se expressar experiências vividas.

Para Bruner (1997), a narrativa é tão comum como a própria linguagem. Segundo o autor, toda cultura possui formas de contar histórias, e esses modos de narrar são tão diversos como são as variações de agregados humanos. É nesse sentido que Flannery (2015, p. 11) afirma: “vivemos histórias e, por meio dela, reportamo-nos a momentos anteriores ou futuros, criamos e representamos a nossa fala e a de outros que descrevemos e com quem nos relacionamos”.

Barthes (2011, p. 19) corrobora e afirma que “a narrativa começa com a própria história da humanidade; não há, não há em parte alguma, povo algum sem narrativa; todas as classes, todos os grupos humanos têm suas narrativas”.

Também, a narrativa é fruto do gênio do narrador ou possui em comum com outras narrativas uma estrutura acessível a análises. Ainda, para ele, as narrativas podem ser sustentadas por diversos meios:

A narrativa pode ser sustentada pela linguagem articulada oral ou escrita, pela imagem fixa ou móvel, pelo gesto ou pela mistura ordenada de todas estas substâncias; está presente no mito, na lenda, na fábula, no conto, na novela, na epopeia, na história, na tragédia, no drama, na comédia, na pantomima, na pintura (recorde-se de Santa Úrsula de Carpaccio), no vitral, no cinema, nas histórias em quadrinhos, no *fait divers*, na conversação. (BARTHES, 2011, p.19)

É nesse contexto, que toda cultura, que todo grupo ou povo possui narrativas e meio de expressá-las, e que as narrativas podem ser estudadas segundo uma estrutura acessível a análises que se desenvolve este trabalho, particularmente, analisando uma narrativa de um surdo conforme o modelo de William Labov. A seguir, será apresentada a cultura surda, uma vez que é nela que se encontra o narrador e sua narrativa trágica que será analisada neste estudo.

### **CULTURA SURDA: UMA CULTURA VISUAL**

A cultura surda é historicamente marcada por inúmeros estereótipos, entre eles: durante muitas décadas, a surdez foi vista como uma deficiência, os surdos foram julgados como seres incapazes, a eles era negado o direito de serem considerados como um grupo cultural com suas características e peculiaridades específicas; essa realidade, inclusive, os impossibilitava de produzirem significados a partir de suas experiências. Posteriormente, ainda que superado, em partes, o desconhecimento da realidade surda, a cultura oral, algumas vezes inconsciente, outras não, discriminatoriamente, tentou dominar e subjugar a cultura da comunidade surda.

Conforme Strobel (2008), os estereótipos agredem a cultura surda causando conflitos de identidade e desvalorizando suas diferenças. Entretanto, a autora afirma que é por meio da cultura que os sujeitos surdos asseguram a sua sobrevivência e afirmam suas identidades.

Sá (2010, p. 103) sustenta que “a cultura surda é entendida como um campo de luta entre diferentes grupos sociais em torno da significação do que sejam a surdez e os surdos no contexto social e global”. A luta dos surdos, em meio à sociedade ouvinte, busca o reconhecimento da surdez como diferença, a difusão da

língua de sinais e o reconhecimento social e humano da comunidade oral que não mais passaria a ver o surdo como doente ou deficiente, mas que o contemplaria como um sujeito capaz e com as mesmas possibilidades e sonhos de um sujeito ouvinte.

Para Strobel (2008), a cultura surda é:

[...] o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de torná-lo acessível e habitável, ajustando-o com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das “almas” das comunidades surdas. Isto significa que abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos do povo surdo. (STROBEL, 2008, p. 22)

No contexto da cultura surda, é importante compreender o quanto essa realidade está conectada à visão; ou seja, a percepção do mundo e das pessoas, bem como a interação social, precisamente, ocorre através desse sentido. Essa autora compreende que as experiências culturais dos surdos são visuais, pois percebem o mundo por meio dos olhos, pautados em elementos culturais presentes ao seu redor. Nesse sentido, ela ressalta que a cultura surda envolve as “atitudes do ser surdo, de ver, de perceber e de modificar o mundo” (STROBEL, 2008, p. 38). Ainda, para a autora, no que se refere à identidade cultural dos surdos, a “experiência visual” está no sentimento de pertencimento a uma cultura e na interação do sujeito surdo com sua comunidade.

Skljar (2013), em uma concepção socioantropológica, entende a surdez como uma experiência visual em que se manifestam as produções dos surdos em todos os tipos e significações nos diversos campos: linguístico, intelectual, ético, cognitivo, artístico-cultural etc. Segundo o mesmo autor (1999), a experiência visual de vida é uma característica que define e diferencia os surdos, sendo para eles a visão o mais importante dos sentidos, pois é por meio dela que os surdos se relacionam com o mundo mantendo contato com a realidade que os cerca.

Perlin e Miranda (2003) falam que a experiência visual significa

A utilização da visão, em (substituição total à audição), como meio de comunicação. Desta experiência visual surge a cultura surda representada pela língua de sinais, pelo modo diferente de ser, de se expressar, de conhecer o mundo, de entrar nas artes, no conhecimento científico e acadêmico. A cultura surda comporta a língua e sinais, a necessidade do intérprete, de tecnologia de leitura. (PERLIN e MIRANDA, 2003, p. 218)

Não restam dúvidas de que a experiência visual é de extrema relevância para o surdo, pois é por meio dela que as informações são processadas e o mundo a sua volta compreendido. Este órgão dos sentidos, a visão, proporcionou à cultura surda o signo linguístico essencial para sua comunicação, a língua de sinais. No Brasil, a comunidade surda dispõe da Libras - Língua Brasileira de Sinais, reconhecida como língua oficial dos surdos brasileiros por meio da Lei 10.436/02, que reconhece a Libras como língua natural e como meio de comunicação e expressão pela qual os surdos devem receber instruções.

A Libras é uma língua de modalidade espaço-visual<sup>1</sup> em que seus usuários utilizam sinais para se comunicarem. Strobel (2008) afirma que a língua de sinais é de extrema importância para a cultura surda.

A língua de sinais é uma das principais marcas da identidade de um povo surdo, pois é uma das particularidades da cultura surda, é uma forma de comunicação que capta as experiências visuais dos sujeitos surdos, sendo que é esta língua que vai levar o surdo a transmitir e proporcionar-lhe a aquisição do conhecimento universal. (STROBEL, 2008, p. 44)

A língua de sinais, como outra língua, incumbe-se como articuladora do conhecimento, da aprendizagem e do desenvolvimento, é uma língua partilhada que proporciona aos surdos o acesso à informação e assegura que a identidade e a cultura surda sejam transmitidas ao seu povo de geração em geração.

Rosa (2009) reconhece que a língua de sinais é ponto de referência para a instrução, interação, educação, e o mais importante de tudo: é um direito do surdo. Inegavelmente, pode-se dizer que a língua de sinais é a alma da cultura surda.

Lulkin (2013, p. 41) afirma que “a comunicação viso-gestual, não cotidiana para os ouvintes, produz formas de apreensão, interpretação e narração do mundo a partir de uma cultura visual” em que o olhar passa a ser fundamental.

De acordo com Bruner (2003) *apud* Santos (2012), aos contarmos nossas histórias, extraímos sentidos do mundo; sendo que o narrador atribui aos significados os valores e crenças que o constitui como sujeito. Nesse aspecto, o narrador reconstrói os acontecimentos que vivenciou e transmite sua experiência adquirida.

---

<sup>1</sup> As línguas de Sinais apresentam-se em uma modalidade espaço-visual, pois não se realizam pelo canal oral auditivo, mas sim pelo canal visual e da utilização do espaço, ou por expressões faciais e movimentos gestuais perceptíveis pela visão. (IDALGO, 2008, s/p.)



No caso dos surdos, as narrativas sinalizadas não transmitem informações apenas, mas trazem à reflexão a língua e o seu valor cultural para a comunidade surda. As narrativas desse grupo linguístico, além de retratar a cultura surda, na maioria das vezes, apresentam denúncias quanto ao despreparo da sociedade ouvinte em relação ao conhecimento e utilização da Libras. Esse despreparo acontece em diversos contextos do cotidiano da comunidade surda, onde impera um predomínio de incompreensão que estigmatiza o viver surdo, separando-os da comunidade ouvinte em virtude de sua comunicação diferenciada.

A seguir, a construção teórica que servirá de base para análise da narrativa *corpus* deste artigo será apresentada. A começar com a origem do modelo laboviano em meio às pesquisas Sociolinguísticas.

## **A PESQUISA SOCIOLINGUISTA E A NARRATIVA**

É em meio à pesquisa sociolinguística que estudava a língua falada em situações naturais de comunicação, na década de sessenta, que surgiu o modelo laboviano de análise narrativa. Naquela época, durante a coleta dos dados, a presença do pesquisador, no momento da interação face a face, geralmente, interferia na naturalidade da fala da comunidade pesquisada. Essa interferência prejudicava sobremaneira os estudos e os resultados dos trabalhos desenvolvidos pelos sociolinguistas. Disso, surgiu, então, um paradoxo, o do “observador”; isto é, a presença necessária do pesquisador durante a coleta dos dados era um fator perturbador porque interferia na naturalidade e na espontaneidade da fala. Diante desse paradoxo, como solução parcial, a fim de se coletar dados da língua mais naturais, conforme Labov (1997, p. 1), “o estímulo à produção de experiências pessoais mostraram-se mais eficazes”.

Concordando com Labov, Tarallo (2007, p. 23) afirma que “a narrativa de experiência pessoal é a mina de ouro que o pesquisador-sociolinguista procura”. Para ele, ao narrar suas experiências pessoais mais envolventes no gênero narrativa, o relato traz consigo, inconscientemente, uma estrutura que pode ser estudada e analisada.

Bem, pode-se pensar assim: as pesquisas sociolinguísticas iam ganhando forma e conteúdo em seu campo; obstáculos a sua coleta de dados surgindo e, com isso, novas estratégias para vencê-los sendo aplicadas. Uma estratégia eficaz, com

o objetivo de neutralizar o paradoxo do observador, foi estimular as narrativas orais de experiência pessoal. Ao serem gravadas essas narrativas, em um primeiro momento como ferramenta para buscar dados quantitativos, observou-se que sua estrutura, por si só, já seria um vasto campo de pesquisa. Por conta disso, logo surgiu um novo enfoque a ser estudado, a estrutura de uma Narrativa Oral de Experiência Pessoal (NOEP) que foi apresentada por Labov e Walestzky (1967), posteriormente, por Labov (1997), retomada por Ferreira Netto (2008) e, mais recentemente, por Flannery (2015). Essa análise, dentre outras, tem ocupado espaço no cenário dos estudos das narrativas.

### **AS NARRATIVAS ORAIS DE EXPERIÊNCIA PESSOAL**

Uma Narrativa Oral de Experiência Pessoal (NOEP) é um relato que fez parte da vida do narrador; ele viveu, observou e sentiu tudo o que vai apresentar em sua história. Ao narrar essa experiência a outros, contando as peculiaridades do evento particular, ele recapitula em sua memória os fatos conforme eles aconteceram cronologicamente.

Para Labov (1997, p. 3), “Uma narrativa de experiência pessoal é o relato de uma sequência de eventos que teve lugar na biografia do falante [ou do surdo] por consequência de sentenças que correspondem à ordem dos eventos originais”. Para Ferreira Netto (2008, p. 41), “o vínculo entre sentenças e seus respectivos eventos dá-se na mesma dimensão temporal”. Flannery (2015, p. 14) reafirma o conceito de Labov; para ela, “recapitular experiências é, então, apenas uma forma de narrar eventos”.

Compreendido o conceito de uma NOEP, convém destacar os elementos que são estudados e analisados nesse modelo. A fim de estruturar a apresentação do modelo laboviano, apontam-se o eixo formal e eixo funcional da narrativa. O primeiro compreende a organização temporal (juntura temporal, sentença sequencial, narrativa mínima e sentença narrativa), os tipos temporais de sentenças narrativas (raio de ação, sentença livre, sentença presa e sentença restritiva) e os tipos estruturais de sentenças narrativas (resumo, orientação, ação complicadora e coda); o segundo contempla a avaliação, a relatabilidade, a credibilidade, a causalidade, a atribuição do elogio e da culpa, o ponto de vista, a objetividade e a resolução. Desses, este artigo definirá a juntura temporal (JT), a sentença restritiva

(SR), a sentença sequencial (SS)/sentença presa (SP), a sentença livre (SL), o resumo (RE) e a coda (CO), elementos que estruturaram a forma como a narrativa de um surdo será apresentada em um primeiro momento; posteriormente, os conceitos da relatabilidade, do ponto de vista e da atribuição do elogio e da culpa serão contemplados com precisão a fim de que possam, também, serem examinados esses traços na narrativa.

### **EIXO FORMAL DA NARRATIVA (JT, SR, SS/SP, SL, RE e CO)**

A narrativa, no modelo laboviano, formalmente, apresenta elementos que estruturam o relato dos eventos originais. Esses fatos narrados se conectam através de junturas temporais (JT), que contam a história como ela aconteceu temporalmente. Flannery (2015, p. 20) aponta que uma “narrativa consiste em um texto que recapitula uma experiência pessoal e que é caracterizado pela juntura temporal”. Para ela, a JT é o elemento fundamental em uma narrativa uma vez que determina a ordem dos acontecimentos cronologicamente. A autora apresenta um pequeno exemplo no qual a ordem dos eventos constitui uma JT:

E1: Julie casou.  
E2: Então, veja bem, eh ela teve uma filha.  
E3: A menina nasceu assim bem vermelhinha.  
(FLANNERY, 2015, p. 20)

Caso a ordem dos eventos fosse invertida, seguindo, por exemplo, a sequência E3 – E2 – E1, não haveria JT, e o sentido original da narrativa estaria comprometido.

Labov (1997, p. 5) apresenta que as narrativas basicamente “são conjuntos de sentenças presas, restritivas e livres”.

A sentença restritiva é apontada por Ferreira Netto (2008, p. 43) como a “cabeça” da narrativa. Para ele, o desencadeamento dos fatos narrados depende do “sucesso” da SR. Essa sentença, ainda, costuma conter o resumo da história.

O resumo, por sua vez, definido por Labov (1997, p. 6) como “inicial” em uma narrativa, é também definido por Flannery (2015, p. 22) da seguinte forma: “nesta seção os narradores oferecem uma ideia sobre o que a estória trará, o seu tópico”. Ferreira Netto (2008, p. 43) entende também que o RE atua como o “pano de fundo” que orienta o ouvinte - e o surdo - na interpretação da narrativa.



Quanto à sentença sequencial, Labov (1997, p. 4) a define como “uma sentença que pode ser um elemento de uma juntura temporal”. Ferreira Netto (2015, p. 42) aponta que as SS, que também são definidas como sentenças presas (SP), “estão presas à sentença antecedente e à subsequente” através de JT, formando a sentença narrativa (SN), e sua função é manter cronológica e estritamente a sequência temporal em uma narrativa.

As sentenças livres (SL), de outra forma, segundo Ferreira Netto (2008, p. 42), são “as que não estão vinculadas numa juntura temporal, formando uma sentença narrativa, mas podem ser inseridas entre as sequenciais, independentemente, para completar alguma informação”.

Segundo Labov (1997, p. 5), as SL são definidas semanticamente, e não sintaticamente. Ainda para ele, essas sentenças se referem “a uma condição que seja verdadeira durante toda a narrativa”.

Por fim, literalmente, apresenta-se a coda (CO), que é “a sentença final que retorna a narrativa ao tempo do falante [e também, obviamente, do sinalizante], impedindo uma questão potencial – E, então, o que aconteceu?” (LABOV 1997, p. 6). Ferreira Netto (2015) concorda com Labov definindo a CO como a marca de finalização da narrativa.

Labov (1997, p. 2) afirma que “a narrativa é o protótipo, talvez o único evento de fala [comunicação] bem formado com começo, meio e fim”. Essa realidade é verdadeira, o começo é representado pela sentença restritiva e pelo resumo, o meio, que desenvolve a narrativa, é desempenhado pelas sentenças sequenciais/presas e as sentenças livres e, por fim, a coda encerra a história contada pelo narrador. Essa é a estrutura básica de uma NOEP – e também de uma narrativa espaço-visual de experiência pessoal.

A seguir, alguns aspectos do eixo funcional serão expostos.

### **EIXO FUNCIONAL (RELATABILIDADE, ATRIBUIÇÃO DE ELOGIO E CULPA E PONTO DE VISTA)**

A categoria funcional da narrativa não fazia parte da pesquisa de Labov e Waletzky (1967); foram estudos pessoais e posteriores realizados por Labov que acrescentaram, dentre outros, os conceitos da relatabilidade, da atribuição de elogio

e culpa e do ponto de vista à narrativa. Esses aspectos enriqueceram ainda mais o modelo laboviano.

A respeito da relatabilidade, Labov (1997) pontua:

O conceito original é que fazer uma narrativa requer que uma pessoa ocupe um espaço social maior que em outras trocas conversacionais [...], e a narrativa tem de produzir muito interesse nos ouvintes [ou surdos] para que se justifique essa ação. (LABOV, 1997, p. 8)

Nesse sentido, ele define que a narrativa estabelece um acordo entre o narrador e o ouvinte - ou o surdo - que permite ao primeiro contar sua história, e aos segundos, escutá-la ou vê-la sem, ou com, o mínimo de interrupções. Na verdade, os receptores da narrativa, geralmente, aguardam ser recompensados por uma boa história, quem sabe, por um relato fascinante. A relatabilidade constitui, ainda, dois novos conceitos: o evento relatável (ER) e o evento mais relatável (E+R).

Labov (1997, p. 9) define que “um evento relatável é aquele que justifica a automática reatribuição do papel do falante ao narrador”. Para Ferreira Netto (2008, p. 45), “pode-se se pensar que o evento relatável é a sentença restritiva que encabeça a sentença narrativa [...]”. Ainda, para ele, o ER é a promessa de um evento mais relatável, aquele que, ao final da narrativa, apresenta um fato interessante que traz algum tipo de satisfação ao ouvinte - ou ao surdo.

Já o E+R, para Labov (1997, p. 9), “é o evento que é menos comum que qualquer outro na narrativa e que tem grande efeito nas necessidades e desejos dos participantes da narrativa, é mais fortemente avaliado”. Para ele, uma NOEP é essencialmente o evento mais relatável por si só, ele é a maior justificativa da reatribuição da fala ao narrador. Ferreira Netto (2008, p. 45) aponta ainda que o E+R é o evento final da sentença narrativa, é justamente o seu ponto de chegada; os acontecimentos que decorrem dele são a resolução, ou seja, o desenrolar e o desfecho da história.

É importante destacar que há eventos que chamam mais a atenção dos ouvintes - ou dos surdos - que outros; para Labov (1997), os eventos portadores de maior grau de relatabilidade são os casos que tratam de morte, sexo e indignações morais.

Quanto ao ponto de vista em uma narrativa, Labov (1997, p. 13) define que “é o domínio espacial e temporal a partir da qual a informação transmitida por uma



sentença pode ser obtida por um observador”. Para o autor, observador, em uma NOEP, é o próprio narrador que viveu e experimentou aqueles eventos narrados. Algumas vezes, o narrador, ao expressar o seu ponto de vista, sua maneira de ver o mundo, pode atribuir culpa e elogio aos personagens de sua apresentação. Segundo Labov (1997, p. 12), em uma narrativa, “na explicação do conflito entre atores humanos, ou o esforço humano contra forças naturais, o narrador e o ouvinte [ou o surdo] inevitavelmente atribuem elogio e culpa aos atores envolvidos nas ações”. É através do olhar do narrador que os eventos são transmitidos aos ouvintes - ou aos surdos. Esse aspecto carrega consigo forte estrutura ideológica, uma vez que não é comum o narrador atribuir culpa ou elogio de forma consciente, mas sim, coloridos por sua postura moral. Também, para Labov (1997), as narrativas podem ser polarizadas quando o antagonista é visto violando regras e normas sociais, e os protagonistas conformando-se maximamente com elas.

Apresentados os conceitos que serão analisados na narrativa, adiante, antes da análise propriamente, convém abordar alguns procedimentos metodológicos que os autores deste artigo utilizaram para examinar uma narrativa espaço-visual, segundo uma perspectiva oral do modelo de Labov.

## **PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

O presente trabalho seguiu a metodologia das pesquisas bibliográficas e de campo. A primeira, acima apresentada, procurou embasar a teoria e os conceitos que darão o suporte à análise da narrativa; a segunda, que será apresentada abaixo, buscou o narrador e a história que será examinada segundo aqueles aspectos estudados. Cabe ressaltar que o modelo laboviano, em quem este artigo se ampara para examinar a narrativa, analisa histórias de modalidade oral; este trabalho, diferente disso, inclui a cultura surda, adapta e analisa uma narrativa de modalidade espaço-visual. Como instrumento de coleta de dados, foi utilizada a entrevista livre e informal, conhecida também, segundo Tarallo (2007, p. 21), como “entrevista sociolinguística”. A narrativa foi gravada em vídeo cujas imagens e conteúdo resultaram da seguinte pergunta disparadora: "Como aconteceu o acidente do Tiago?"

As identidades das pessoas participantes da narrativa foram preservadas; nesse sentido, atribuíram-se outros nomes aos personagens da trágica morte de um surdo.

Os próximos passos realizados foram: a transcrição do relato para “o sistema de notação de palavras em Libras”<sup>2</sup> e a transcrição para o português próximo do padrão. Concluídas essas duas fases importantes, segue a análise da narrativa.

## ANÁLISE DA NARRATIVA

O primeiro passo, antes de analisar a narrativa da morte trágica de um surdo, foi transcrevê-la usando o sistema de notação de palavras em Libras; posteriormente, realizou-se a transcrição próxima do português padrão estruturada formalmente contendo os elementos da sentença restritiva (SR), do resumo (RE), das sentenças presas (SP), das sentenças livres (SL) e da coda (CO). Nesse segundo passo, na segunda transcrição, também serão apresentados o evento relatável (ER) e o evento mais relatável (E+R), características da relatabilidade do eixo funcional. A seguir, os dois primeiros passos da análise serão demonstrados:

Passo 1:

Narrativa de morte trágica segundo o olhar de um surdo (Sistema de notação de palavras em Libras)	
1	OI TUDO BEM? BOA TARDE, MEU NOME ANDRÉ, MEU SINAL (faz sinal de
2	identificação), [...] AGORA O TEMA “TIAGO” MUITOS TEMPO ATRÁS ANOS
3	5, APRESENTAR HISTÓRIA SENTIMENTO SIM (expressão de tristeza),
4	TAMBÉM TIAGO MORRER [...], CUIDADO ACONTECER, TAMBÉM MOTO
5	ABSAD@ PARECER MOTO MOTOCROSS, VER PARECER MOTO
6	BRINCADEIRA, PODER CIRCULAR CIDADE QUALQUER LUGAR? FAZER
7	MANOBRA ARRISCADA BRINCAR RUA, PODER? NÃO - PODER. LÁ FORA
8	DA CIDADE, LUGAR ESPECÍFICO, PODE. AGORA ERRADO. [...]
9	LANCHONETE LANCHE, LÁ GRUPO SURDOS CONVERSAR, LIBRAS, [...]
10	TODOS SENTADOS BATENDO PAPO, LANCHE TAMBÉM SORVETE,
11	BATENDO PAPO, QUASE MEIA NOITE, UM DELES CHAMAR EU, “TIAGO”
12	AVISAR IR EMBORA,[...] ELE VIRAR COSTAS SAIR, ATRAVESSAR
13	AVENIDA, ÁRVORES CALÇADA PESSOAS CAMINHADA, OLHAR AVENIDA
14	LIMPO, NINGUEM, ELE ATRAVESSAR [...], RÁPIDO VIRAR ABUSAD@

<sup>2</sup> De acordo com Tanyá Felipe (2005), a língua de sinais tem características próprias. Existem sistemas de convenções para escrevê-las. Neste artigo, quando se referir a sinais da Libras por meio da escrita, utiliza-se “o sistema de notação em palavras”, que pode ser representado por itens lexicais da Língua Portuguesa em letras maiúsculas, como por exemplo CASA.

15	MOTO EMPINANDO RÁPIDO, ELE (faz sinal Tiago), VIRAR DE FRENTE
16	MOTO BATER FRONTE DELE, ELE CAIR CHÃO, MOTO ARRASTAR
17	CHÃO,[...] SETE SURDOS, TODOS OLHAR ASSUSTADOS SAIR CORRER,
18	_ VER TIAGO MORTO PENSAR [...] PREOCUPADO (narrador faz expressão
19	de tristeza e decepção) CHEGAR AMBULÂNCIA (resgate) [...] TIAGO IR
20	HOSPITAL, [...] EU IR EXPERIÊNCIA HOSPITAL, ENCONTRAR, OBSERVAR
21	PULMÃO RESPIRAÇÃO OFEGANTE, MÉDICO NÃO VER, IR DO OUTRO
22	LADO PREOCUPADO, LIGAR INTÉRPRETE, COMUNICAÇÃO
23	BLOQUEADA DIFÍCIL HOSPITAL, PESSOAS FALAR (provável equipe
24	médica),[...] INTÉRPRETE CHEGAR [...] ELA FICAR TONTA, ASSUSTAR,
25	CONVERSAR PREOCUPADA ELA ESPERAR, HORAS PASSAR, HORA
26	CERTA 2:30 MORRER [...]TODOS CHORAR, SENTIMENTO (expressão de
27	imensa tristeza), PORQUE ELE, TIAGO BOM, INTELIGENTE,
28	FREQUENTEMENTE IR IGREJA RETO, EDUCADO OK, TODOS
29	PREOCUPADOS PORQUE FAMÍLIA NÃO TER, FAMÍLIA ABANDONAR ELE
30	AQUI, MUDARAM PARA CUIABÁ IR, SOZINHO AQUI, EU CUIDAR, TODOS
31	SURDOS CUIDAR, [...] IR IGREJA FREQUENTEMENTE, TRABALHAR
32	TAMBÉM, TRABALHAR (faz sinal da Facimed) F-A-C-I-M-E-D TRABALHAR
33	LÁ 5 ANOS, POR ISSO RESPONSÁVEL SEMPRE TRABALHAR, SEMPRE
34	IR DOIS: IGREJA, TRABALHO, BOM TIAGO [...] TODOS CHORAR, ELE
35	ENTERRO 5 HORAS DA TARDE CERTO [...] PESSOAS MAIS MUITAS,
36	PESSOAS IGREJA IR, FACIMED TAMBÉM, EU OLHAR E VER MULTIDÃO
37	(Expressão de surpresa) EMOÇÃO. TIAGO ESTUDADO, PARECE TER
38	ESTUDO NÃO, POSSÍVEL EVOLUIR ESTUDO, PASSADO TROCAR
39	EVOLUIR, IR IGREJA SEMPRE, IGREJA (faz o sinal da igreja) BATISTA
	CENTRAL (primeira Igreja Batista de Cacoal), LÁ AJUDAR SEMPRE ANOS 5, ACREDITAR? ENTENDER?

Passo 2:

Narrativa de morte trágica segundo o olhar de um surdo (Transcrição próxima do português padrão) (Eixo formal: SR, RE, SP, SL e CO; Eixo funcional: ER, E+R)		
01	SR RE ER	Oi, tudo bem? Boa tarde! Meu nome é André [...]. Agora, eu vou contar uma história. Qual História? A história da morte do Tiago que ocorreu há 5 anos. Essa história é muito triste para mim. Aconteceu que um motoqueiro abusado em uma moto semelhante a uma Motocross. Pode circular em qualquer lugar da cidade? Pode fazer manobras arriscadas, brincar nas ruas, pode? Não pode!
02		
03		
04		
05		
06		
07	SP	Em uma lanchonete há um grupo de surdos: [...] todos batendo papo, lanchando e tomando sorvete.
08		
09	SP	Por volta de meia noite, um deles, o Tiago, me chama e diz que vai embora [...].
10		
11	SP	Ele se despede, vira as costas e vai.
12	SP E+R	Tiago atravessa uma mão da avenida até o canteiro central, onde as pessoas costumam caminhar, olha a outra mão da avenida sem trânsito algum e, ao tentar atravessá-la, é atropelado por um motoqueiro
13		
14		
15	SL	abusado,

	E+R	
16	SP	que muito rápido, empinando sua moto, atinge o Tiago em cheio,
17	E+R	atingindo sua cabeça e o arrastando pela avenida.
18	SP	Todos nós que estávamos na lanchonete nos assustamos e saímos
19	SP	correndo em direção ao Tiago que estava desacordado,
20	SL	pensei que ele estava morto [...]. Eu fiquei preocupado.
21	SP	Naquele momento, chegou a ambulância [...].
22	SP	A ambulância o leva para o hospital.
23	SP	[...] fui ao hospital para saber notícias do Tiago.
24	SP	No hospital, observei que a respiração de Tiago estava ofegante, não
25	SP	vi nenhum médico.
26	SP	Próximo dali, no outro lado, algumas pessoas, possivelmente a equipe
27	SP	médica, tentando ligar para um intérprete.
28	SL	No hospital, não havia comunicação alguma, comunicação
29	SL	bloqueada, difícil, as pessoas não nos compreendiam, pois somente
30	SL	se comunicavam oralmente.
31	SP	Chega a intérprete que é informada sobre os fatos e passa mal.
32	SP	[...] As horas passam, e as duas e meia da madrugada chega a notícia
33	SP	que o Tiago morreu.
34	SL	[...] Todos choraram com um sentimento muito grande de tristeza
35	SL	porque o Tiago era bom, inteligente, frequentava a igreja, era reto no
36	SL	caminho do Senhor, educado. Ok!
37	SL	Todos ficaram preocupados, pois o Tiago não tinha família em Cacoal,
38	SL	sua família o abandonou ali ao se mudarem para Cuiabá. Todos os
39	SL	surdos e eu cuidávamos do Tiago que morava sozinho [...].
40	SL	Tiago frequentemente ia à igreja e ao trabalho. Tiago trabalhava na
41	SL	empresa Facimed, trabalhou lá por cinco anos, sempre muito
42	SL	responsável. Tiago sempre ia à igreja e ao trabalho.
43	SP	No enterro, às 5 horas da tarde,
44	SL	eu estava muito emocionado com a morte do Tiago, pois
45	SP	havia muitas pessoas da igreja e da empresa onde ele trabalhava,
46	SP	além de outras pessoas, uma multidão.
47	SL	Isso me deixou muito surpreso e emocionado. Tiago não parecia ser
48	SL	uma pessoa estudada, mas ele, ao frequentar a 1ª Igreja Batista de
49	SL	Cacoal, onde por cinco anos recebeu muitas instruções, passou a ser
50	SL	uma pessoa mais desenvolvida.
51	CO	É possível a pessoa se transformar. Você acredita? Você entendeu?

A primeira sentença da estrutura narrativa apresentada acima a ser avaliada é a sentença restritiva, ela está transcrita em suas primeiras linhas. Essa sentença, segundo Ferreira Netto (2008, p. 43), é a “cabeça” da narrativa, o seu início. Nela, observou-se também o resumo da história e o evento relatável. Podem-se verificar esses elementos da seguinte forma:



Sentença restritiva: “Oi, tudo bem? Boa tarde! Meu nome é André [...]”. Agora, eu vou contar uma história. (Linhas 1-2)

Evento relatável: “Qual História? A história da morte do Tiago que ocorreu há 5 anos”. (Linhas 2-3)

Resumo: “Aconteceu que um motoqueiro abusado em uma moto semelhante a uma Motocross. Pode circular em qualquer lugar da cidade? Pode fazer manobras arriscadas, brincar nas ruas, pode? Não pode!”. (Linhas 3-6)

Destaca-se, de acordo com Labov (1997, p. 45), que o ER “é a promessa de um evento mais relatável”. Ainda, para o autor, o ER pode ser a sentença restritiva que encabeça a narrativa.

No resumo da história que, segundo Flannery (2015, p. 22), apresenta a “ideia central” da história, o seu “tópico”, o narrador faz também uma avaliação e expressa o seu ponto de vista a respeito de não poder fazer manobras arriscadas com uma moto em um local público.

As demais sentenças, as presas e as livres, desenvolvem-se ao longo das linhas 7 a 50. Dessas, é importante destacar, conforme Labov (1997) e Ferreira Netto (2008), que as SP mantêm junção temporal com outra presa antecedente ou consequente, elas apresentam os fatos conforme eles aconteceram cronologicamente. As sentenças livres, de outra forma, não ligadas por junção temporal, são tão importantes quanto às presas; para Ferreira Netto (2008, p. 42), elas apresentam informações complementares à narrativa.

A coda, segundo Labov (1997, p. 6), é a “sentença final” que encerra a narrativa e retorna à comunicação para o tempo presente do narrador e do surdo. Pode-se verificar essa sentença a seguir:

“É possível a pessoa se transformar. Você acredita? Você entendeu?”. (Linha 51)

O evento mais relatável (E+R), o ápice da narrativa, apontado por Labov (1997, p. 45) como “o ponto de chegada em uma sentença narrativa”, aquele que explica o ER, o motivo da morte do Tiago, está expresso assim abaixo:

“Tiago atravessa uma mão da avenida até o canteiro central, onde as pessoas costumam caminhar, olha a outra mão da avenida sem trânsito algum e, ao tentar atravessá-la, é atropelado por um motoqueiro abusado, que muito rápido, empinando sua moto, atinge o Tiago em cheio, atingindo sua cabeça e o arrastando pela avenida”. (Linhas 12-17)

Quanto ao ponto de vista, conforme Labov (1997), o narrador apresenta o seu olhar exclusivo, a sua avaliação a respeito dos personagens e dos fatos contados na narrativa. Nesse sentido, pelos olhos do narrador, conhecem-se algumas características de Tiago: bondade, inteligência, retidão nos caminhos do Senhor, responsabilidade, desenvolvimento e educação. Esse ponto de vista pode ser observado nas passagens abaixo:

“[...] o Tiago era bom, inteligente, frequentava a igreja, era reto no caminho do Senhor, educado. Ok!”. (Linhas 35-36)

“Tiago trabalhava na empresa Facimed, trabalhou lá por cinco anos, sempre muito responsável”. (Linhas 40-43)

“Tiago não parecia ser uma pessoa estudada, mas ele, ao frequentar a 1ª Igreja Batista de Cacoal, onde por cinco anos recebeu muitas instruções, passou a ser uma pessoa mais desenvolvida”. (Linhas 47-50)

Ainda, em relação ao ponto de vista do narrador, ele atribui culpa à atitude abusada de um motoqueiro que, empinando uma motocicleta e fazendo manobras arriscadas, atropelou seu amigo Tiago:

“Aconteceu que um motoqueiro abusado em uma moto semelhante a uma Motocross. Pode circular em qualquer lugar da cidade? Pode fazer manobras arriscadas, brincar nas ruas, pode? Não pode!”. (Linhas 3-6)

A atribuição de culpa ou elogio em uma narrativa é assim descrito por Labov (1997, p. 12): “na explicação do conflito entre os atores humanos [...], o narrador e os ouvintes inevitavelmente atribuem elogio e culpa aos atores envolvidos nas ações”.

Analisados alguns conceitos do eixo formal e funcional da narrativa de um surdo, acentue-se, sobre uma morte trágica, convém destacar um aspecto importante em seu relato que não foi examinado segundo aqueles conceitos: a



denúncia quanto ao atendimento em um hospital público que não tinha profissionais capacitados na língua de sinais para proceder a um atendimento de excelência e sem discriminações. Essa realidade pode ser conferida abaixo:

“No hospital, observei que a respiração de Alex estava ofegante, não vi nenhum médico. Próximo dali, no outro lado, algumas pessoas, possivelmente a equipe médica, tentando ligar para um intérprete. No hospital, não havia comunicação alguma, comunicação bloqueada, difícil, as pessoas não nos compreendiam, pois somente se comunicavam oralmente”. (Linhas 24-30).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciar este artigo, colocou-se como meta apresentar uma narrativa de experiência pessoal sob o olhar de um surdo, analisá-la segundo a perspectiva de William Labov e ressaltar a importância da inserção e absorção da língua de sinais pela sociedade. Para alcançar esse propósito, buscou-se o método da pesquisa exploratória e a técnica da entrevista livre seguida de uma pergunta disparadora para estimular um informante surdo, voluntário e anônimo a produzir uma narrativa espaço-visual de experiência pessoal. Obtido o *corpus* de análise, realizou-se um levantamento bibliográfico percorrendo a temática narrativa, em especial, as Narrativas Oraís de Experiência Pessoal e a realidade da Cultura Surda, uma cultura visual com uma língua própria, a Libras. Concluída a análise, obtiveram-se os seguintes resultados: um narrador surdo estrutura o seu relato passível de análise segundo o modelo laboviano, o que muda é o meio de transmissão, ele utiliza a língua de sinais. A sentença restritiva inicia a narrativa, nela também se encontram o resumo e o evento relatável; as sentenças presas e livres desenvolvem a história, e a coda encerra a narrativa retornando o relato ao tempo presente do narrador e do surdo. O evento mais relatável, o ponto máximo da narrativa, apresenta o acidente de um surdo que, ao atravessar uma rua, é atropelado por um motoqueiro. O ponto de vista do narrador apresenta as características do surdo que morre no hospital após o acidente: a bondade, a inteligência, a retidão nos caminhos do Senhor, a responsabilidade, o desenvolvimento e a educação. A culpa da morte do amigo surdo, segundo o narrador, recai sobre um motoqueiro abusado que faz manobras arriscadas e o atropela. Outro ponto de destaque, no relato, é a denúncia da falta de



preparo, principalmente de comunicação, de um hospital público ao atender um surdo. Esse aspecto traz à reflexão a importância da inserção da língua de sinais na cultura majoritária oral do Brasil.

A Libras foi a grande conquista da comunidade surda no Brasil nos últimos anos; por meio de intensa luta e discussões, ela foi regulada pela lei 10.436/02, que a reconhece como língua e meio legal de comunicação e expressão do surdo. A referida lei garante que o poder público e empresas que prestam serviços à sociedade difundam e pratiquem a Libras, pois ela viabiliza a interação entre a comunidade surda e a ouvinte proporcionando a inclusão social dos surdos. Embora haja a garantia legal que proporcionaria a utilização da Libras nos espaços públicos, observa-se que há falta de profissionais com esse conhecimento e fluência naqueles estabelecimentos. Logo, há muita coisa a ser feita ainda. A luta continua.

Evidentemente que este trabalho, em relação à riqueza de detalhes contidas na narrativa de experiência pessoal estudada, é limitado, pois não aborda todos os conceitos do modelo laboviano, convém aprofundar a pesquisa. Entretanto, em relação à cultura surda e a língua de sinais, ele cumpre um papel inclusivo e reflete a importância da prática da Libras também na cultura oral da sociedade brasileira.

## REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland et.al. **Análise estrutural da narrativa**. 7 ed. Trad. de Maria Zélia Barbosa Pinto. Petrópolis-RJ: Vozes, 2011 (1ª Ed. Francesa, 1983).

BRUNNER, Jerome. **Realidade mental, mundos possíveis**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

FELIPE, Tanya A. **Libras em Contexto: Curso Básico**: Livro do Professor. 5ª. Ed.- Rio de Janeiro: WalPrint Gráfica e Editora, 2005.

FERREIRA NETTO, Waldemar. **Tradição oral e produção de narrativas**. São Paulo: Paulistana, 2008.

FLANNERY, Mércia Regina Santana. **Uma introdução à Análise Linguística da Narrativa Oral**: Abordagens e Modelos. Campinas: Pontes, 2015.

IDALGO, Adilson. Seminários Surdez. (2008). Disponível em: [http://www.uel.br/eventos/seminariosurdez/pages/arquivos/folder\\_05.pdf](http://www.uel.br/eventos/seminariosurdez/pages/arquivos/folder_05.pdf)\_ Acesso em: 19/11/17.

LABOV, William. ; WALETZKY, Joshua. **Narrative analysis**. In J. Helm (ed.). Essays on the Verbal and Visual Arts. Seattle: University of Washington Press, 1967.

\_\_\_\_\_. **Alguns passos iniciais na análise da narrativa**. The Journal of Narrative and Life History. Trad. de Ferreira Netto. Volume 7. 1997.



LULKIN, Sérgio André. O discurso moderno na educação dos surdos: práticas de controle do corpo e a expressão cultural amordaçada. IN: SKLIAR, Carlos (org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 2013.

PERLIN, Gladis, MIRANDA, Wilson. **Surdos: O Narrar e a Política**. In: Estudos Surdos – Ponto de Vista: Revista de Educação e Processos Inclusivos n.5, UFSC/NUP/CED, Florianópolis, 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/pontodevista/article/view/1282/4249>. Acesso em: 16/11/17.

\_\_\_\_\_. Gladis. **Histórias de vida surda: Identidades em questão**. Publicado em 1998. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre disponível em: [file:///C:/Users/Usuario/Downloads/historias\\_de\\_vida\\_surda\\_\\_identidades\\_em\\_questao.pdf](file:///C:/Users/Usuario/Downloads/historias_de_vida_surda__identidades_em_questao.pdf). Acesso em: 18/11/17.

ROSA, Emiliana Faria. Olhares sobre si: a busca pelo fortalecimento das identidades surdas. Dissertação de Mestrado em Educação. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2009. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp091224.pdf>. Acesso em: 16/11/17.

SÁ, Nídia Regina Limeira de. **Cultura, poder e educação de surdos**. 2ª ed. São Paulo: Paulinas, 2010.

SANTOS. Tatiane Santos dos. **Narrativa surdas na comunidade e na cultura e a constituição de identidade** – Pelotas, 2012. Dissertação de Mestrado em Educação, Faculdade de Educação - Universidade Federal de Pelotas. Disponível em: <http://repositorio.ufpel.edu.br:8080/handle/123456789/1686>. Acesso em 18/11/17.

SKLIAR, C. A localização política da educação bilíngue para surdos. In: SKLIAR, C. (org.). **Atualidade da educação bilíngue para surdos**. Porto Alegre: Mediação, 1999.

\_\_\_\_\_. Carlos (Org.) **A Surdez: um olhar sobre as diferenças**. 6ª ed. Porto Alegre: Mediação, 2013.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. 1ª ed. Florianópolis: UFSC. 2008.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.